

DO ENSINO DA LÍNGUA DE HERANÇA À FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA: O CASO DO ITALIANO EM PEDRINHAS PAULISTA

FROM THE TEACHING OF THE HERITAGE LANGUAGE TO THE FORMATION OF A COMMUNITY OF PRACTICE: THE CASE OF ITALIAN IN PEDRINHAS PAULISTA

Fernanda L. ORTALE (USP, São Paulo, Brasil) ortale@usp.br

Karine M. Rocha da CUNHA (UFPR, Curitiba, Brasil) karinemarielly@ufpr.br

Rosangela M.L. FORNASIER (USP, São Paulo, Brasil/Capes) rosangelaforناسier@usp.br

RESUMO: Pedrinhas Paulista é uma ex-colônia fundada em 1952 resultante das últimas ondas de imigração italiana para o Brasil. Localiza-se no sudoeste do Estado de São Paulo, próxima ao Rio Paranapanema e à cidade de Assis. Devido à sua composição prevalentemente de italianos e seus descendentes, a cidade é multilíngue (BEACCO, 2007) considerando a ocorrência dos dialetos dos imigrantes, da língua italiana, da ítalo-pedrinhense e da portuguesa do Brasil. Nesse contexto, grande parte dos habitantes pode ser considerada plurilíngue o que faz com que este trabalho retome o conceito de Língua de Herança (LH) de Ortale (2016) e faça considerações sobre o conceito de Cultura de Herança e de Comunidade de Prática. O texto apresenta essas temáticas discutindo a produção de material didático para o ensino de LH, a autonomia da comunidade no uso da(s) língua(s) e a formação da comunidade de prática por meio da Cozinha de Herança.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade de prática; Língua de herança; Pedrinhas Paulista; Cultura de Herança; Língua Italiana

ABSTRACT: Pedrinhas Paulista is a former colony founded in 1952, resulting from the last waves of Italian immigration to Brazil. It is in the southwest of the State of São Paulo, close to the Paranapanema River and the city of Assis. Due to its predominant composition of Italians and their descendants, the city is multilingual (BEACCO, 2007) considering the occurrence of immigrant dialects, Italian, Italo-Pedrinhense and Brazilian Portuguese. In this context, a large part of the inhabitants can be considered plurilingual: so, this work takes up the concept of Heritage Language (HL) by Ortale (2016) and makes considerations about both Heritage Culture and Community of Practice. The text presents these themes by discussing the production of didactic material for HL teaching, the community's autonomy in the use of language(s) and the formation of the community of practice through the Heritage Kitchen.

KEYWORDS: Community of practice; Heritage language; Pedrinhas Paulista; Heritage culture; Italian language.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta, em linhas gerais, o projeto *Italiano como Herança* – uma iniciativa da Universidade de São Paulo em parceria com o município de Pedrinhas Paulista (nosso contexto de pesquisa) – desde o seu planejamento, iniciado em agosto de 2015, à sua implementação em 2016 e nos anos sucessivos.

O projeto tem como escopo a revitalização da língua e da cultura italiana na ex-colônia de Pedrinhas Paulista, que foi fundada em 1952, através de um dos últimos movimentos subsidiados de imigração para o Brasil. Acreditamos que a língua é inerente à cultura e não podemos dissociá-las. Porém, para fins didáticos e de desenvolvimento da pesquisa e deste artigo trabalhamos com esses conceitos separadamente.

Na época de fundação de Pedrinhas, a Itália vivia os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial e necessitava enviar parte de sua população para outros países, pois muitos italianos ainda passavam por privações. Além do Brasil, outros países sul-americanos como o Chile e a Argentina também receberam esses imigrantes.

Após o fim da segunda guerra mundial, com interesse na povoação e desenvolvimento do interior do Brasil, Getúlio Vargas promulgou o Decreto-lei 7967/45 de 18/09/1945 o qual tratava da imigração e colonização em terras brasileiras.

Em 10 de fevereiro de 1947 foi assinado, por vários países, dentre eles o Brasil, o Tratado de Paz de Paris que pretendia, principalmente, resolver problemas de fronteiras criados pelos países durante a Segunda Guerra Mundial. Com o intuito de dirimir pendências entre o Brasil e a Itália, referentes a esse tratado, foi firmado um acordo, em 08/10/1949. Cervo (2011, p. 264) explica que o acordo entre os países tratava de “restituir bens e valores aos italianos, pessoas físicas e jurídicas residentes no Brasil, no exterior e ao Estado italiano como as numerosas Casas da Itália e sedes de associações que pertenciam ao governo”. Parte do dinheiro do Estado foi destinado a integrar o capital para a criação da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana (CBCII), empresa pública mista incumbida de adquirir áreas de terra para implantar núcleos de imigrantes. A Companhia foi efetivada em 28/09/1950.

Naquele mesmo ano foram enviadas missões técnicas para avaliarem as condições de algumas áreas do Brasil e outros países sul-americanos. A missão que veio para o Brasil tinha o nome de *Missione di Assistenza Tecnica all'Emigrazione nel Brasile* sendo composta por especialistas em colonização agrícola que tinham atuado nas colônias italianas na África. Foram estudadas regiões com tradição migratória italiana no século precedente como a sul e a sudeste, áreas do estado da Bahia e da região Centro-Oeste. Borges Pereira (2002, p. 45-47) relata que a CBCII tinha interesse

por Joinville (SC) e São Geraldo (GO) mas que Pedrinhas Paulista tinha a vantagem de estar no estado de São Paulo o, na época, mais agrícola e produtivo além de possuir terras férteis e se beneficiar da proximidade do Rio Paranapanema.

A colonização foi planejada pela CBCII e executada em duas etapas: a primeira consistiu na preparação do terreno (desmatamento) e na implantação da infraestrutura mínima (construção de casas de alvenaria, curral, chiqueiro, galinheiro, local para armazenar os grãos da colheita e poço de água), idealizada pelos técnicos italianos; a segunda previa a seleção, o transporte e o assentamento das famílias italianas nessas terras. A Companhia seguiu dando assistência técnica aos colonos, que pouco conheciam do clima e das novas culturas – como a do algodão – e permaneceu ativa até o ano de 1984. A cidade foi fundada em 13 de novembro de 1952, ano em que recebeu o primeiro grupo de imigrantes formado por 28 famílias vindas de diversas regiões da Itália. Nos anos seguintes, outros grupos de imigrantes desembarcaram no porto de Santos rumo a Pedrinhas Paulista, totalizando 236 famílias até o ano de 1968 (BORGES PEREIRA, 2022, p. 55).

Localizada a sudoeste do Estado de São Paulo, na Alta Sorocabana, a 550 km da cidade de São Paulo, a cidade permaneceu como núcleo colonial até 1980, depois foi elevada a distrito, só alcançando sua emancipação política em 1991. De acordo com dados do último censo de 2010 a população era de 2940 pessoas¹⁰⁹ e em 2021 o IBGE estimou uma população de 3190 pessoas. Grande parte dessa população é formada por imigrantes italianos que chegaram ao Brasil ainda crianças (hoje anciãos, alguns já falecidos) e seus descendentes.

A aquisição do português pelos imigrantes se deu pelo convívio com os brasileiros através de práticas sociais e do processo de escolarização de seus filhos. Atualmente, as famílias pedrinhenses são constituídas pela união de descendentes de italianos com pessoas de diferentes origens. As línguas presentes no município são os dialetos de diversas regiões da Itália, o português (língua dominante), a variedade ítalo-pedrinhense (espécie de coine resultante do contato das línguas dos imigrantes com o português) e o italiano (CASTRO, 2002).

Dessa forma podemos dizer que segundo a definição de multilinguismo e plurilinguismo explicitada por Beacco (2007) no Guia para a elaboração das políticas educacionais do Conselho da Europa, Pedrinhas é uma cidade multilíngue com uma população plurilíngue já que o termo multilinguismo está relacionado à variedade de línguas presentes em um determinado território ou comunidade linguística ao passo que o termo plurilinguismo está relacionado às línguas que o indivíduo conhece.

¹⁰⁹ Dados disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/pedrinhas-paulista/panorama>.

O que motivou nosso grupo a desenvolver uma grande pesquisa nesse município foi o fato de que a comunidade vem apresentando, ao longo do tempo, cada vez mais indícios de perda multi- e plurilíngue assim como a cultural, apesar de algumas iniciativas já terem sido tomadas por parte da prefeitura, tais como: a implantação do italiano na grade curricular do Ensino Fundamental I no ano de 2003; a manutenção de um grupo de dança de tarantela ao longo desses anos; a preservação de festas típicas e a criação de novas festas; o ensino de italiano para adultos (oferecido de 2003 a 2013); a restauração e construção de prédios públicos no estilo arquitetônico greco-romano sendo parte da implantação de um projeto para tornar a cidade uma instância turística e a criação de um museu que conta a história da fundação da cidade.

O projeto *Italiano como Herança* trouxe para o município, além do curso de língua de herança, diversas atividades que envolvem a comunidade, o uso da língua e vários aspectos da cultura de herança. Dele resultaram:

1. - duas pesquisas de doutorado: Abrindo caminhos para o italiano língua de herança no Brasil: a formação de professores na perspectiva Pós-Método (CORRIAS, 2019); A formação de comunidades de prática na revitalização da(s) língua(s) e da(s) cultura(s) de herança italo-pedrinhense(s) (FORNASIER, em andamento).
2. - duas pesquisas de Mestrado: A música no imaginário italo-pedrinhense: o Pós-Método no ensino e na revitalização da língua de herança (MATTOS, 2019); A produção de material didático para o ensino de italiano como herança na perspectiva Pós-Método (FORNASIER, 2018);
3. - uma pesquisa de Livre-docência: A formação de uma professora de italiano como língua de herança: o Pós-Método como caminho para uma prática docente de autoria (ORTALE, 2016);

Na primeira seção deste artigo faremos uma breve reflexão sobre língua de herança e serão evidenciadas as particularidades que distinguem o ensino dessa língua do ensino da língua estrangeira, explanaremos o período de planejamento do curso *Italiano como Herança* e a produção do material didático. Na segunda seção serão feitas reflexões sobre a formação de comunidades de prática em contexto de imigração como possível caminho para a revitalização do patrimônio linguístico e cultural.

IMIGRAÇÃO E LÍNGUA DE HERANÇA: DESAFIOS E CAMINHOS PARA A REVITALIZAÇÃO

O Brasil é um país de dimensões continentais e de grande diversidade cultural, decorrente de fluxos migratórios, principalmente dos movimentos de diáspora ocorridos no final do século XIX, que trouxeram para cá milhares dos povos como alemães, italianos, japoneses, libaneses, sírios, poloneses e ucranianos, somente para citar algumas etnias.

Em contexto de imigração, um dos grandes desafios de todas as famílias, em qualquer parte do mundo e em todas as épocas, é o de manter a língua minoritária, do ponto de vista do país que a recebe, a qual chamamos (doravante LH), através das gerações. No Brasil, embora sejam um número expressivo e estejam assentados em muitas regiões, os grupos imigrantes nem sempre se apresentam

organizados politicamente ou representados por associações que trabalhem com a finalidade de garantir a preservação, manutenção e perpetuação dessas línguas minoritárias enquanto LH.

Em Pedrinhas existe a *Associazione Veneta* de Pedrinhas com atuação somente na organização da festa homônima em que é evidenciada a presença da gastronomia de herança e da música italiana de uma determinada geração. Não há ações idealizadas pela Associazione no âmbito da LH. Em oposição a esse cenário podemos citar a Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia de Colombo-PR (<https://associacaoitaliana.org.br/>) com atuação constante na esfera da promoção não só da cultura, mas da gastronomia e da língua de herança sendo ela a italiana ou a taliana¹¹⁰. Alguns membros dessa Associação fazem parte do CEVEP – Centros de Estudos Vênetos no Paraná (<https://www.ceveptalian.org/>) e do NuCLiH – Núcleo de Cultura e Língua de Herança (<https://www.nuclih.com.br/>), redes compostas por pesquisadores e membros da comunidade que possuem um papel fundamental na difusão e promoção da cultura e da LH.

Ainda é muito recente em nosso país a adoção de políticas públicas de salvaguarda do patrimônio linguístico/cultural. Nesse sentido, em 2010, o Governo Federal deu um primeiro passo quando instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística através do Decreto 7.387, com o intuito de reconhecer como patrimônio cultural imaterial as línguas brasileiras presentes no país (MORELLO, 2012, p. 13). Graças a essa iniciativa, línguas de herança foram cooficializadas em diversos estados brasileiros. No Relatório de Atividades (2006-2007) do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil consta como uma das categorias elencadas as línguas de imigração (GTDLB, 2008, p.3):

No Brasil de hoje são falados por volta de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas (chamadas de autóctones), e as comunidades de descendentes de imigrantes cerca de 30 línguas (chamadas de línguas alóctones). Além disso, usam-se pelo menos duas línguas de sinais de comunidades surdas, línguas crioulas, e práticas linguísticas diferenciadas nos quilombos, muitos já reconhecidos pelo Estado, e outras comunidades afro-brasileiras.

Ocorre, no entanto, que em muitos contextos de ensino as línguas de imigração, muitas vezes consideradas LH, são classificadas como língua estrangeira (doravante LE) e a abordagem do ensino para a LE não abarca peculiaridades inerentes à afetividade, a processos identitários e motivacionais que não abordados podem contribuir para o apagamento dessas línguas e culturas.

¹¹⁰ O talian ou a língua taliana (também conhecido com outras denominações como dialeto vênето brasileiro) é o resultado do contato linguístico da língua portuguesa do Brasil com os dialetos do norte da Itália, sobretudo do vênето, trazidos pelos imigrantes italianos, no fim do século XIX. O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) inclui o Talian no Inventário Nacional da Diversidade Linguística em 9 de setembro de 2014 e o declara Referência Cultural Brasileira, conforme Decreto n. 7.387 de 9 de dezembro de 2010. Para mais informações consultar Cunha&Gabardo, 2020.

Embora tenha havido um êxodo maciço de italianos em direção ao Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX, quase não há materiais específicos para o ensino da língua italiana para descendentes ou mesmo materiais que abordem a língua na perspectiva de aprendizes de herança, de pessoas que vivem em comunidades em que essa língua é ou já foi muito usada.

Atualmente, percebe-se iniciativas recentes ligadas à produção de materiais didáticos, de apoio e de sensibilização à língua de herança, dentre as quais, citamos:

1. - Curso de Talian: para um brasileiro que quer aprender a falar, ler e escrever em talian de Luzzatto, 2018;
2. - Material didático para o ensino de talian como língua de herança no Brasil de Balthazar&Perin Santos, 2020;
3. - Caspita! Diversidade Linguística e Cultural no Ensino de Língua Italiana de Wânia Beloni, 2021. Disponível em <https://www.waniabeloni.com/downloads>;
4. - Bernardo e Maria Clara em A Máquina do Tempo de Motin&Gabardo, 2021, disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/65678576/hq-a-maquina-do-tempo>.
5. - As curiosas palavras de Nona Dete de CAVASSIN, M. C. et al. Florianópolis: Pi Edições, 2021, disponível em: <https://www.yumpu.com/en/document/read/65847269/as-curiosas-palavras-de-nona-dete>;
6. - e o próprio material produzido para Pedrinhas Paulista na pesquisa ora apresentada.

Ressaltamos que reconhecer a dimensão identitária de uma língua como LH e suas especificidades é o primeiro passo em direção a sua revitalização, pois uma língua de herança não pode ser ensinada como uma LE, uma vez que a língua que recebemos de herança não é de fora, é de dentro (de dentro de casa, de dentro da comunidade) e não é estranha, é conhecida e muitas vezes até compreendida, só não falada. Ainda que, em alguns casos, seja pouco compreendida, é familiar e tem relação estreita com a identidade de quem a herda.

Em nosso contexto de pesquisa, adotamos um conceito de língua de herança, cunhado por Ortale (2016) e ampliado por Ortale e Salvatto (2022), que não está necessariamente vinculado ao fator de ancestralidade assim definido:

Língua de herança é um patrimônio identitário coletivo, um espaço dinâmico de confluências linguísticas e culturais em que se articulam passado e presente. É uma língua minoritária, falada - ou apenas compreendida - por pessoas que constroem vínculo afetivo e sentimento de pertencimento em relação a determinado(s) grupo(s) e/ou comunidade(s), seja por laços ancestrais, seja por convívio com falantes dessa língua.

Nossa escolha por esse conceito se justifica pelo fato de o curso *Italiano como Herança* ser oferecido não só a membros da primeira geração nascida no Brasil, mas também a seus cônjuges e, posteriormente, no momento das matrículas, a outros membros da comunidade com origem brasileira que se reconheceram herdeiros. Dados da pesquisa nos indicaram que tanto cônjuges de descendentes quanto brasileiros que vivem próximos a essas famílias de imigrantes, em grande parte, também se reconhecem herdeiros desse patrimônio linguístico e cultural. O critério central para a definição de língua de herança é, portanto, o sentimento de afiliação identitária em relação à língua e à cultura de determinado país, e não apenas o critério de ancestralidade como era abordado em pesquisas anteriores.

Dessa forma, o critério de afiliação identitária foi determinante não só nas escolhas feitas durante o período de planejamento do curso e produção da primeira unidade didática do material, como também durante toda a duração do curso, uma vez que as unidades didáticas seguintes foram produzidas a partir das respostas obtidas no seu processo de implementação. É importante ressaltar que, se para o planejamento e implantação de um curso de língua estrangeira para um público geral, estudiosos como Wiley (2001), Van Deusen Scholl (2003), Ennser-Kannanen; King (2013) nos chamam a atenção para a importância da análise das necessidades e interesses do público-alvo, com mais razão, quando se trata de ensino de língua de herança, as especificidades do contexto de ensino e da formação de professores devem ser consideradas. Transpor as características do ensino de qualquer LE para o contexto de LH não é, portanto, adequado, uma vez que desconsideraria as especificidades contextuais (ENNSER-KANNANEN; KING, 2013).

Pautados nas especificidades que nosso contexto de ensino exigia, iniciamos o projeto *Italiano como Herança*¹¹¹ em meados de 2015, com o início do processo de formação da professora que ministraria as aulas e, no início de 2016, com a participação de todo o grupo de pesquisa, iniciamos o planejamento do curso e a produção da primeira unidade do material didático. O curso foi estruturado em quatro semestres e o material didático produzido a partir dos pressupostos teóricos da Pedagogia Pós-Método¹¹².

Ao idealizar o curso de língua de herança na perspectiva Pós-Método, encontramos dois principais desafios:

A) OS CRITÉRIOS PARA A PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Em todo o processo de produção do material didático, o respeito às particularidades contextuais esteve presente como um desafio. Para a seleção dos tipos de material-fonte, conteúdos e abordagens de ensino foram consideradas as características do público-alvo e os objetivos do projeto. Convictos de que o material didático deveria ser elaborado a partir de insumos produzidos (ou coletados) junto à comunidade, de julho de 2015 a julho de 2016, realizamos entrevistas com italianos que chegaram a Pedrinhas no período de fundação da colônia, com membros da primeira geração nascida no Brasil e com pessoas que tiveram participação política na comunidade. Essas entrevistas, gravadas em vídeo, abordavam três temas: memórias e informações sobre a partida dos imigrantes da Itália, a chegada a Pedrinhas Paulista e as línguas ou dialetos falados no âmbito

111 Participaram do projeto: a professora supervisora, o professor formador, a professora pesquisadora, as colaboradoras (dois membros da comunidade pertencentes à primeira geração nascida no Brasil), os alunos do curso de LH e demais membros do grupo de pesquisa.

112 Para uma apresentação detalhada sobre a teoria Pós-Método no ensino de línguas, ver ORTALE, FERRI e SILVA, 2021.

familiar dos entrevistados. Essas entrevistas foram didatizadas e inseridas no material didático do curso de LH. Cartas, diários, cadernos de receitas, poemas, textos de memórias, documentos e fotografias doados por algumas pessoas da comunidade também compuseram o material didático.

Outro aspecto da particularidade do contexto, que foi cuidadosamente respeitada, refere-se à heterogeneidade do público-alvo. Kondo-Brown (2001, p. 2-3) afirma que um dos grandes desafios enfrentados por professores de língua de herança de imigrantes é a heterogeneidade dos aprendizes no que diz respeito às habilidades linguísticas na língua-alvo, ainda que entre membros da mesma geração. O grupo era composto por alunos falantes de italiano e dialeto, alguns falavam apenas o italiano ou apenas o dialeto, outros possuíam um ótimo nível de compreensão, mas apresentavam dificuldades de produção oral. O nosso olhar esteve sempre voltado para a valorização das várias línguas¹¹³ presentes na comunidade, razão pela qual desenvolvemos uma unidade didática voltada ao tema da diversidade linguística.

Outro desafio encontrado durante o processo de concepção do curso foi decidir o lugar que a explicação gramatical ocuparia e se, de fato, esse tipo de conteúdo seria necessário. A aplicação de um questionário no ato da matrícula nos guiou em cada decisão tomada. O fato de a maioria dos alunos manifestar o desejo de que o curso de LH fosse “voltado para a conversação” foi um dado importante a ser considerado no momento de definirmos os objetivos do curso e a abordagem de ensino mais apropriada para o contexto. O curso foi, então, estruturado em unidades temáticas e não em tópicos de gramática, ainda que algumas regras gramaticais e possíveis estruturas necessárias para as atividades comunicativas compusessem a seção *Per Comunicare* da apostila. Assim, o fio condutor do curso são os temas e não a progressão gramatical e a escolha de cada tema ocorreu durante as reuniões do grupo, todos com base nas características da comunidade. O curso foi estruturado em quatro semestres e os temas tratados no primeiro semestre foram: Os italianos em Pedrinhas Paulista, Migrações na Itália atual, Alimentação italiana e ítalo-brasileira, História da Língua Italiana e os dialetos.

Uma última questão relacionada ao material didático refere-se à delimitação do público-alvo. Nas reuniões do grupo de pesquisa, após momentos reflexivos, chegamos à conclusão de que o curso seria oferecido preferencialmente a membros da primeira geração nascida no Brasil e seus respectivos cônjuges (não necessariamente de origem italiana). Essa escolha deve-se ao fato de que essa geração:

- a) é o elo entre os mais velhos e a segunda geração nascida no Brasil;

113 Neste texto não consideramos a diferença entre dialeto (definição italiana) e língua, portanto denominamos “língua” todos os idiomas.

b) declara não saber falar bem italiano, apenas dialeto; e

c) poderia levar para casa práticas sociais de uso da língua italiana para o âmbito familiar e assim, envolver a terceira geração.

Conforme já dissemos, um questionário foi elaborado para ser aplicado no ato da matrícula, a fim de conhecermos melhor o público-alvo, no qual solicitamos os seguintes dados: nome, idade, grau de ascendência italiana, região de origem, conhecimento da língua italiana ou dialeto, expectativas quanto ao curso e ao uso do italiano na comunidade.

Após a definição do público-alvo e os dados das entrevistas, determinamos os objetivos do curso: revitalizar a língua italiana na comunidade, promover reflexões sobre a identidade ítalo-brasileira da comunidade, incentivar políticas linguísticas familiares de uso e valorização da língua italiana e/ou do dialeto de herança.

A AUTONOMIA DA COMUNIDADE NO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA

Envolver a comunidade no processo de revitalização linguística e cultural foi um dos objetivos do projeto, porque gostaríamos que, ao concluirmos nosso trabalho, a comunidade continuasse a propor ações didáticas e políticas em favor da língua de herança.

Com base em Freire (2002), Kumaravadivelu (2006, p. 47) destaca duas visões da autonomia: uma estreita, que visa ensinar o aluno a aprender a aprender; e outra ampla, que considera o aprender a aprender apenas como meio para o pensamento crítico e emancipação. Propiciar o desenvolvimento da autonomia da comunidade de forma ampla é um aspecto do planejamento a ser destacado. Desde julho de 2015, início do projeto, muitas transformações ocorreram na comunidade, as quais comprovam que o parâmetro da possibilidade está em desenvolvimento, sendo algumas delas:

1. - o reconhecimento da importância dos dialetos por parte da comunidade;
2. - a organização de encontros mensais, Pomeriggio Italiano;
3. - a implantação do programa, Italia in 5 minuti na Rádio América, organizado pela professora e colaboradoras, apoiadas pelo responsável da rádio;
4. - o planejamento e divulgação do curso de italiano oferecido à segunda geração;
5. - a continuidade da produção de material didático a partir de documentos produzidos junto à comunidade;
6. - a reativação de um grupo local de música italiana;
7. - a reativação de um grupo de dança de Tarantella, formada por jovens da comunidade e a formação de comunidade de prática sobre cozinha de herança.

Destacamos aqui a criação da comunidade de prática de gastronomia italiana pelas alunas do curso de LH como um grande passo da comunidade rumo a sua ampla autonomia no processo de revitalização cultural e linguística. Nesse sentido, consideramos também que a participação da comunidade na elaboração do conteúdo e do andamento do curso tenha sido de fundamental importância para esse passo.

A relação entre a comunidade e a universidade, a forma de organizar o material didático e estruturar o curso beneficiaram o desenvolvimento da autonomia emancipatória por parte da comunidade. Certamente ocorreria um silenciamento de parte da identidade com a perda da história local e das línguas nas famílias de descendentes dos fundadores da colônia se tal prática não tivesse sido desenvolvida.

Com a conclusão da primeira turma do curso *Italiano como Herança* surgiu a ideia de dar continuidade ao projeto. Foi então criada a comunidade de prática de cozinha de herança que será abordada no próximo tópico.

COZINHA DE HERANÇA: A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE DE PRÁTICA SAPORI DI MAMMA: STORIE E RICETTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Os desafios enfrentados por imigrantes em qualquer parte do mundo são muitos: a nova língua, hábitos, costumes, clima, alimentação, entre outros. Esses desafios podem ganhar proporções ainda maiores quando o fator saudade de casa e/ou da família que ficou para trás se torna mais forte. O tempo é o maior aliado para a transposição desses obstáculos e, com o passar dos anos, o processo de adaptação ocorre e a confluência dessas duas culturas, a do país de partida e a do país de chegada, resulta no que chamamos de Cultura de Herança.

O conceito de cultura empregado neste trabalho é aquele cunhado por Stuart Hall (1997, p. 2):

A cultura, como a discutimos, não é um conjunto de coisas – livros, pinturas, programas de TV ou histórias em quadrinhos – mas um processo ou um conjunto de práticas. A cultura se refere, principalmente, à produção e troca de significados entre os membros de uma sociedade ou grupo. Afirmar que duas pessoas pertencem à mesma cultura significa dizer que elas, de modo geral, interpretam o mundo e podem expressar seus pensamentos e sentimentos sobre o mundo de modo semelhante.

Assim, a cultura a que nos referimos não é apenas aquela aprendida através de estudos e leitura, mas sim aquela adquirida nas relações familiares e sociais, por influência do ambiente em que vivemos; é aquela formada por um patrimônio intangível, que compreende as tradições de um povo, seus valores, crenças, costumes, práticas e tradições orais. É através dela que interpretamos o mundo e expressamos nossas ideias e sentimentos. Esse conceito dialoga com aquele proposto por Bennett (1998), que divide a cultura em duas dimensões: a objetiva, constituída por produções culturais tais como a literatura, a música, a dança e outras manifestações ligadas às artes; e a subjetiva, que se refere às características psicológicas que definem um povo, ou seja, os padrões aprendidos que definem seus comportamentos, crenças e valores. O conceito de cultura a que nos referimos aqui como

aquela herdada converge, portanto, com aquele da cultura subjetiva. Bennett destaca ainda o papel fundamental da língua na formação da cultura e da identidade de um povo, pensamento que converge com o nosso ao refletirmos sobre a cultura de herança, pois é através da língua que expressamos nossa compreensão de mundo e nossa identidade cultural.

Nesse sentido, Mendes (2015, p. 86) aponta a relevância do ensino da cultura em cursos de LH (no caso de sua pesquisa, o português), afirmando que “aprender uma língua [...] não significa apenas dominar uma cultura de ilustração, mas aprender a estar socialmente” nessa língua. A autora defende essa ideia ao propor que uma língua-cultura de herança seria um modo de ser e de viver em uma língua, em processo contínuo de desenvolvimento, a qual é em parte familiar ao sujeito que a aprende, e em parte estranha, e que constrói, com outras línguas de nascimento, um espaço de inserção do sujeito no mundo através da linguagem. É a língua que contribui para conformar a identidade linguística do sujeito, juntamente com outras línguas que o revelam ao mundo (MENDES, 2015, p. 88).

A autora (2015, p. 89) ainda preconiza que “a língua deve ser compreendida como cultura e como um lugar de interação [...] e não apenas um sistema organizado de estruturas e regras”, razão pela qual opta por não dissociar os conceitos de língua e cultura.

Quando empregamos a expressão “cultura de herança”, estamos nos referindo à transmissão de determinada cultura em contextos de imigração. Compreendemos que não só os descendentes desses imigrantes são herdeiros desse patrimônio imaterial pelo fato de essa aprendizagem se dar por meio da interação, observação e imitação (SAMOVAR, PORTER e MCDANIEL, 2010, p. 12), ou seja, o critério de ancestralidade, assim como na língua de herança, não é o único a determinar que um indivíduo tenha sentimento de pertencimento a determinada cultura, uma vez que consideramos a influência do ambiente um dos condutores dessa herança. Desta forma, no curso dos anos, pessoas que convivem dentro dessas comunidades, mesmo não sendo descendentes, acabam incorporando a nova cultura à sua. Desse ponto de intersecção entre duas culturas nasce a cultura de herança, para a qual propomos um novo conceito assim descrito:

Cultura de herança é o patrimônio imaterial que nasce da confluência de duas ou mais culturas. É o conjunto de valores, crenças, língua(s) e práticas sociais de uma comunidade, herdado por indivíduos que se identificam com esse modo de viver e significar o mundo.

Assim como a LH, a cultura de herança se origina do contato com outra(s) cultura(s). O processo de aculturação é gradativo, ocorre aos poucos e nunca cessa, porque, assim como a língua, a cultura é viva e dinâmica.

Dessa forma, como o processo de aculturação é inevitável, os choques culturais iniciais também o são e podem ocorrer das mais diversas formas. Se tomarmos o tema da comida, que será o traço cultural a ser discutido e analisado nesta seção, compreenderemos que o choque cultural não se dá apenas no modo como comemos: com talher, com dois pauzinhos ou com as mãos. O modo como os alimentos são preparados ou a escolha dos ingredientes a serem utilizados nas receitas também podem ser causa de estranhamento quando estamos em contato com uma nova cultura. Se nos atentarmos aos elementos primordiais que servem para identificarmos um país e sua cultura, além da bandeira nacional e da língua falada em seu território, o próximo elemento cultural que a destaca dentre as demais culturas é, sem dúvida, a comida. Os italianos, por exemplo, são conhecidos pelo modo como se comunicam, com entusiasmo e utilizando as mãos e pela tradição de sua gastronomia, difundida por todo o mundo.

A identidade de um povo passa, portanto, indubitavelmente pela cozinha. É através da comida e das receitas familiares que imigrantes em toda parte do mundo matam um pouco das saudades de casa e reafirmam sua identidade.

Este fato pode ser comprovado com os alunos do curso de LH que foram demonstrando ao longo das atividades, dentro e fora da sala de aula, que a comida tinha um lugar de destaque na vida familiar e comunitária. A Unidade Didática *Mangia che ti fa bene!* foi uma das mais apreciadas pelos alunos. Durante as atividades em sala de aula e fora dela, os aprendizes de LH compartilharam muitas receitas, conhecimentos culinários e histórias familiares. O momento mais apreciado do já citado *Pomeriggio Italiano* era o famoso “junta pratos”. Para a reunião, cada participante levava um prato típico de família e uma grande mesa era montada, em torno da qual todos provavam os diversos sabores, conversavam em língua italiana ou nos seus dialetos e, principalmente, trocavam receitas. Eram momentos de descontração, onde muitas histórias eram lembradas e o sentimento de italianidade, ou seja, de pertencimento à cultura italiana, crescia.

Como já mencionado, dessa prática surgiu a ideia da formação de um curso de cozinha de herança proposto pelas alunas que não imaginavam que se tratava de uma comunidade de prática e que chamaram na época de curso de culinária italiana. Nosso grupo de pesquisa a identificou como uma Comunidade de Prática (WENGER, 2015) por algumas razões que serão destacadas a seguir.

COMUNIDADE DE PRÁTICA E COZINHA DE HERANÇA

O termo comunidade de prática (doravante CP), embora seja de uso muito recente, refere-se a um fenômeno muito antigo. Ele foi cunhado pelo teórico educacional Etienne Wenger e pela

antropóloga social Jean Lave, no final da década de 80, através de pesquisas etnográficas, enquanto estudavam ‘*apprenticeship*’ como modelo de aprendizagem.

Jean Lave sempre teve forte interesse em teoria social e grande parte de seu trabalho concentrou-se na redefinição de teorias de aprendizagem e sua pesquisa etnográfica sobre como as pessoas aprendiam teve início ainda na década de 70, na Libéria, na África. Apoiada na teoria da prática social, a autora centra-se na “ideia de que toda atividade (o que seguramente inclui a aprendizagem) é situada nas – feita de, é parte das – relações entre pessoas, contextos e práticas” (LAVE, 2015, p. 40).

Etienne Wenger também desenvolveu pesquisas na área da aprendizagem e sua análise inovadora sobre o tema foi publicada pela primeira vez em *Situated Learning: Legitimate peripheral Participation* (1991) e posteriormente aumentada em obras de Jean Lave (1993).¹¹⁴

Em seus estudos, Wenger e Lave concluíram que o ato de aprender não se dá apenas pela interação de um mestre e de um aprendiz, como muitos imaginam, mas principalmente por meio da interação de aprendizes em diferentes níveis de aprendizado.

Vale lembrar que nem toda a comunidade corresponde a uma CP, um bairro, por exemplo, pode ser referenciado como uma comunidade, mas não necessariamente configura uma CP. De acordo com (WENGER-TRAYNER, 2015, p. 2) o que determina os contornos de uma CP são três elementos importantes: o domínio, a comunidade e a prática. **O domínio** refere-se à identidade definida da CP com base em um interesse comum de seus participantes, no caso da CP que investigamos em Pedrinhas Paulista, por exemplo, trata-se da cultura da comida italiana. **A comunidade** refere-se à existência de um grupo de pessoas, que se empenham juntas em atividades, ajudando-se, compartilhando informações que fortaleçam o seu domínio, aprendendo umas com as outras. **A prática** diz respeito ao fato de os membros participantes desenvolverem um repertório de recursos, por meio da interação, para atingirem seus objetivos.

No caso da CP investigada, seus membros apoiam-se na tradição oral para a partilha das receitas e em suas experiências na cozinha. Como a prática de uma comunidade é dinâmica, a aprendizagem não se limita aos novatos, nela todos os participantes (com muita ou pouca experiência) aprendem. As CP são constituídas por esses três elementos, contudo, podem apresentar diversas formações. Certamente participamos de algumas CP ao longo da vida, em algumas temos papel central, em outras periférico.

114 Informações retiradas do site Jean Lave, Etienne Wenger and communities of practice – infed.org: acesso em 13/01/2020.

As CP podem ter o escopo de partilhar conhecimentos já existentes, mas também podem ser formadas em torno do desejo de criar conhecimentos como o conceito proposto por Wenger-Trayner (2015, p. 2) “comunidades de prática são grupos de pessoas que compartilham um interesse ou paixão por algo que fazem e aprendem a fazê-lo melhor à medida que interagem regularmente”.

No caso do curso *Italiano como Herança* e da CP *Sapori di Mamma: Storie e Ricette*, todos os seus participantes têm uma grande paixão pela língua e pela cozinha italiana e compartilham o desejo de revitalizá-las.

Durante a análise dos dados de nossa pesquisa, verificamos que a teoria da aprendizagem socialmente construída de Wenger e Lave esteve representada em todo o trajeto do curso de LH (CORRIAS, 2019) e pôde ser comprovada através dos resultados obtidos pelos alunos, que fizeram muitos progressos na língua. A decisão do grupo de pesquisa em dispor os alunos em grupos para a execução das atividades propostas nas aulas lhes dava a oportunidade de trocar conhecimentos com os colegas, todos aprendizes de LH em diferentes níveis.¹¹⁵

O trabalho realizado em grupos com aprendizes de diversos níveis linguísticos mostrou-se produtivo e muitos progressos foram feitos em direção à proficiência de cada participante. Destacamos o filtro afetivo dos alunos como um dos principais motivos para os progressos obtidos, pois nesse contexto de aprendizagem tornava-se mais baixo, uma vez que, no momento da interação na LH, a ansiedade e o medo de errar não superavam a vontade de se arriscarem a falar.

Se essa configuração de comunidade de prática mostrou-se produtiva em resultados para o curso de LH, não poderia ser diferente na proposta de planejamento do curso de culinária, que foi idealizado por alunas do curso de LH juntamente com a professora e duas colaboradoras.

O primeiro passo foi criar um grupo WhatsApp, principal canal de comunicação da CP. Depois de muita reflexão sobre o escopo do curso, em consenso, o grupo decidiu chamá-lo *Sapori di mamma: storie e ricette*, já que as receitas teriam esse gostinho de mãe e nesses encontros, assim como no curso de LH, sempre surgiriam muitas histórias. A ideia central do curso era, portanto, preservar/revitalizar esses sabores de mãe, sabores que aquecem o coração e a alma, porque têm gosto e cheiro de casa, e acalentam como colo de mãe. Observamos que não se tratava de um curso convencional de culinária, mas sim de uma Comunidade de Prática (WENGER, 2015) de Cozinha de Herança (AZEVEDO & ORTALE, 2019).

115 No curso de LH, optamos por não separar os alunos por nível de conhecimento linguístico, mas sim mantê-los juntos para que pudessem aprender uns com os outros, para que o professor não fosse a única referência de falante da LH para aqueles que ainda não se comunicavam nela.

A proposta inicial era que cada participante ensinasse suas receitas culinárias tradicionais de família, de modo que não teríamos um único professor, todos teriam a oportunidade de ensinar e de aprender. As aulas seriam quinzenais, às segundas-feiras, e aconteceriam na cozinha do restaurante de uma das colaboradoras e todas as participantes contribuiriam com os ingredientes.

Durante conversas no Grupo WhatsApp, uma grande lista de receitas foi feita, com sugestões de todos os participantes que tiveram o interesse de se manifestar e, a partir dessa lista, através de votação, as receitas eram escolhidas para cada encontro. Determinou-se também que, sempre que possível, a *mamma* – “dona da receita” – participaria do encontro e ela mesma a ensinaria, com a ajuda da filha (participante).

Conforme já mencionado, a CP teve início em 2019, no final do curso de LH (primeira turma), período em que o projeto *Italiano como Herança* ainda recebia apoio da Prefeitura Municipal de Pedrinhas Paulista, porém, a CP não fazia parte das atividades por ela subsidiadas. Todas as despesas e decisões tomadas corriam por conta das participantes da CP. A professora-pesquisadora, durante o ano de 2019, participou apenas do planejamento das reuniões. Esse fato contribuiu ainda mais para comprovar a concretização do Parâmetro da Possibilidade (KUMARAVADIVELU, 2012), à medida que o grupo ia cada vez mais ganhando autonomia e tomando consciência de suas responsabilidades nesse processo de revitalização cultural e linguística. Embora no início da CP a professora ocupasse uma posição mais centralizada nas interações, aos poucos, foi deixando que as colaboradoras e algumas participantes tomassem a frente das atividades do grupo, participando apenas das votações, deixando inclusive que as postagens na página Facebook do Projeto *Italiano como Herança* fossem feitas apenas pelas colaboradoras.

Depois de alguns encontros realizados na cozinha do restaurante, as participantes decidiram transferir as atividades para as cozinhas de suas casas, o curso passou a ser itinerante e o momento da degustação das receitas ganhou contornos de festa. Não se tratava somente de aprender uma receita de família, havia ali uma partilha, um momento precioso para falar em dialeto e lembrar de histórias dos primeiros tempos da colônia. Uma mistura de sabores, memórias e emoções.

Durante o período da pandemia de COVID-19, as atividades presenciais foram suspensas. Algumas propostas de encontros virtuais foram sugeridas, mas não prosperaram. No início, as participantes interagiam com mais frequência pelo aplicativo, mas com a chegada da segunda onda de COVID, aos poucos o grupo foi deixando de interagir e o ano de 2021 foi marcado pelo silêncio. As atividades presenciais foram retomadas, aos poucos, em março de 2022.

As receitas transmitidas na CP *Sapori di Mamma: Storie e Ricette* não são encontradas nos livros, nem em sites da Web, porque são executadas a memória e a olho, ou seja, sem cadernos de

receita e sem unidades de medidas precisas. São receitas que atravessaram gerações e que, ao longo do tempo, foram sofrendo adaptações, de acordo com a necessidade, configurando-se como “cozinha de herança” segundo a definição de Azevedo&Ortale (2019). Esse conceito foi cunhado ao analisarem os pratos preparados nas cantinas italianas paulistanas, levando-se em conta o contexto em que foram produzidos. As autoras concluem que essas receitas de comida cantineira estão mais ligadas às questões afetivas e identitárias que ao selo de originalidade das cozinhas dos grandes chefs. As autoras observam que a cozinha de herança nasce do ponto de intersecção entre duas culturas, através de adaptações feitas, pela falta de ingredientes ou por um lapso de memória. Esse conceito se encaixa perfeitamente em nosso contexto de pesquisa, por estar também atrelado à memória e à identidade:

Cozinha de Herança é aquela que desperta, em quem a prepara ou consome, memórias de um passado caro que se deseja preservar. Está relacionada a receitas e histórias carregadas de afetividade; é transmitida e compartilhada entre gerações de uma mesma família ou no contato entre membros pertencentes a uma ou mais comunidades. (AZEVEDO & ORTALE, 2019, p. 97)

Assim como ocorre com a língua de herança, a cozinha de herança é transmitida não só a descendentes de um povo, mas também a membros da comunidade que não possuem a mesma ascendência, porém se identificam por estarem imersos nesse contexto cultural, como é o caso de uma participante da CP: brasileira, casada com um filho de imigrantes italianos, convidada a ensinar uma receita de *Stracciatella* que aprendeu a fazer com uma tia de seu marido. Ela aprendeu a preparar várias receitas tradicionais a pedido das filhas e foi incorporando-as à sua cozinha. Depois que nos ensinou essa receita, passou a frequentar nossos encontros e as atividades do grupo WhatsApp. A comunicação nos diversos espaços da CP é feita principalmente em italiano e, embora essa participante não consiga se expressar na língua, dá indícios de que tem uma boa compreensão, apesar de nunca ter feito curso de italiano, fato que vem reforçar os conceitos de LH e de cultura de herança, aqui proposto. Por essa razão, ao longo desses primeiros anos de existência da CP, o grupo agrega participantes que não possuem origem italiana, os quais também têm a oportunidade de compartilharem as receitas que aprenderam dentro de suas famílias (no caso cônjuges de descendentes) ou com algum amigo ou vizinho.

Como o escopo dessa CP é a revitalização e a manutenção da cultura de herança, essas receitas estão sendo compiladas para posteriormente formarem um livro de cozinha de herança de Pedrinhas Paulista, o qual será publicado e distribuído para a comunidade e um exemplar doado para a Biblioteca Municipal/Museu da cidade, de modo que se garanta a difusão e consulta desse documento. Para tanto, pretende-se buscar subsídios junto a empresas ou programas de fomento à cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de nos debruçarmos em pesquisas no contexto de línguas de herança de comunidades de imigrantes é cada vez mais evidente, tendo em vista que, à medida que elas interagem com a língua de acolhimento (no caso, o português do Brasil) e se integram à nova cultura, deixam de lado suas línguas de origem, patrimônio imaterial cultural a ser preservado. Os estudos sobre de LH no Brasil ainda são muito recentes e vêm ganhando força nos últimos anos, haja vistas os trabalhos mencionados neste artigo. Infelizmente, não temos conhecimento de programas governamentais que protejam as línguas de herança do apagamento. A cooficialização dessas línguas, em determinadas regiões, pode ser um grande passo para a revitalização, assim como a instituição do ensino delas nas escolas como disciplina da grade curricular. Entretanto, é necessário que se envolva os núcleos familiares e a comunidade nesse propósito, já que, de acordo com os estudos sobre políticas linguísticas, um pressuposto para este êxito, é que a comunidade deve ser agente participante no planejamento das ações que dizem respeito à forma como suas identidades e heranças culturais poderão ser revitalizadas.

Neste sentido destacamos a valorização das particularidades do contexto na elaboração dos materiais didáticos de LH, visto que não se trata do ensino de língua materna e quanto menos de língua estrangeira pois LH envolve muitas questões identitárias que precisam ser consideradas.

Nossos estudos também apontam o papel fundamental e atuante da comunidade dentro do processo de revitalização linguística e cultural como foi o caso do nascimento da comunidade de prática, onde seus participantes se unem entorno de um objetivo comum, uma paixão, compartilhando os seus conhecimentos sobre um determinado tema para difundir e preservar a língua e a cultura, como foi o caso do curso *Sapori di mamma: storie e ricette*. Destacamos ainda o papel fundamental da família nesse processo ao oportunizar o uso da LH no seu dia a dia e a execução de receitas tradicionais e difusão de costumes e tradições. Dessa forma, com a junção dos elementos que formam o tripé: políticas linguísticas públicas, comunitárias e familiares podemos conseguir o objetivo da revitalização e manutenção da LH, bem como da sua cultura. À universidade, por sua vez, cabe o papel de investigar esses contextos de imigração e auxiliar essas comunidades por meio dos conhecimentos gerados, de propostas de ações e projetos que contribuam para a transmissão dessas línguas e culturas através das gerações futuras.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO S., ORTALE F. Cozinha de Herança: memórias e identidades de um tesouro compartilhado. Revista de Italianística, n. 38, p. 88-98, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i38p88-98>>. Acesso: 20 jul. 2022.

BALTHAZAR, L. L.; PERIN SANTOS, J. M. Material didático para o ensino de Talian como língua de herança no Brasil. Revista X, v. 15, p. 859-875, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/76820>>. Acesso: 01 set. 2022.

BEACCO, J. C. (Org.) De la diversité linguistique à l'éducation plurilingue: Guide pour l'élaboration des politiques linguistiques éducatives en Europe. Division des Politiques linguistiques. Strasbourg, Fr : Conseil de l'Europe, 2007. Version intégrale.

BELONI, Wânia. Caspittal!: diversidade linguística e cultural no ensino de língua italiana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. Disponível em: <https://www.waniabeloni.com/downloads>. Acesso: 01 set. 2022.

BORGES PEREIRA, J. B. Italianos no mundo rural. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

CAVASSIN, M. C. et al. As curiosas palavras de nona Dete. Florianópolis: Pi Edições, 2021, disponível em: <https://www.yumpu.com/en/document/read/65847269/as-curiosas-palavras-de-nona-dete>. Acesso: 10 set. 2022.

CASTRO, G. M. Pedrinhas Paulista: memória e invenção. Tese de Doutorado em GEOGRAFIA (GEOGRAFIA HUMANA): UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo, 2002, 208 f. Biblioteca Depositária: CAPH/USP.

CERVO, A. L. As relações entre o Brasil e a Itália: formação da italianidade brasileira. Brasília, Editora da UnB, 2011.

CORRIAS, V. Abrindo caminhos para o ensino de italiano língua de herança no Brasil: a formação de professores na perspectiva Pós-Método. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Italiana). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019.

CUNHA, K. M. R.; GABARDO, D. Talian: língua negada e (re)conhecida pelos descendentes vênets de Curitiba e região metropolitana. Revista X, v. 15, n. 6, p. 840-858, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/76866>. Acesso: 20 set. 2022.

GRUPO DE TRABALHO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL. Relatório de atividades do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística no Brasil (2006-2007). Brasília: IPHAN.

FORNASIER, R. M. L. A produção de material didático para o ensino de italiano como língua de herança na perspectiva Pós-Método. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. DP&A Editora – 8ª edição – Rio de Janeiro, 2003.

KUMARAVADIVELU, B. Language teacher education for a global society: Modular Model for Knowing. New York: Routledge, 2012.

KUMARAVADIVELU, B. Understanding language teaching: From method to postmethod. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

KONDO-BROWN, K. Heritage language students of Japanese in traditional foreign language classes: a preliminary empirical study. Japanese Language and Literature, v.35, n.2, p. 157-180, 2001.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. University of California, Berkeley – Estados Unidos. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015. Disponível em: <file:///E:/User/Documents/Rosangela/Doutorado%20USP/Leituras%20para%20Doutorado/Aprendizagens%20com%20prática_Jean%20Lave.pdf>. Acesso: 13 set. 2022.

LUZZATTO, D. L. Curso de Talian: para um brasileiro que quer aprender a falar, ler e escrever em talian. Caxias do Sul: Editora Independently Published, 2018.

MATTOS, T. I., A música no imaginário ítalo-pedrinhense: o Pós-Método no ensino e na revitalização da língua de herança, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, A. A. 2019. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-17022020-165504/publico/2019_TatianalegoroffDeMattos_VCorr.pdf

MENDES, E. Ensino e formação de professores de português como língua de herança (PLH): revisitando ideias, projetando ações. In: CHUALATA, K. B. (org.). Português como língua de herança: discursos e percursos. Lecce: Pensa MultiMedia Editore, 2015. p. 79- 100.

MORELLO, R. Políticas de co-oficialização de línguas no Brasil. Revista Platô – Instituto Internacional de Língua Portuguesa, v. 1, n. 1, p. 8-17, 2012. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/62885013/plato-vol-1-n-1-2012-a-diversidade-linguistica-nos-paises-da-cplp/9>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

MOTIN, M. F.; GABARDO, D. Bernardo e Maria Clara em A Máquina do Tempo. 2021 (História em Quadrinhos). Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/65678576/hq-a-maquina-do-tempo>>. Acesso: 30 ago. 2022.

ORTALE, F. L.; SALVATTO, G. C. B. Dai nonni ai nipoti: práticas familiares em língua de herança, Revista de Italianística, vol. 44, 2022 (no prelo).

ORTALE, F. L.; FERRI, S. A. C.; SILVA, M. A. R. A Pedagogia Pós-Método como compromisso político para além da sala de aula. Revista de Italianística, vol. 42, 2021, p. 176-189. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/185215>>. Acesso: 20 ago. 2022.

ORTALE, F. L. A formação de uma professora de italiano como língua de herança: o Pós-Método como caminho para uma prática docente de autoria. 2016. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. 163fs. Tese de Livre-Docência.

SAMOVAR, L. A.; PORTER, R. E.; MCDANIEL, E. R. Intercultural Communication: A Reader. Thirteenth Edition. Wadsworth Gengage Learning, 2010.

WENGER-TRAYNER, E. B. Introduction to communities of practice: a brief overview of the concept and its uses. 2015. Disponível em: <https://www.wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2022/06/15-06-Brief-introduction-to-communities-of-practice.pdf>. Acesso: 13 set. 2022.

WILEY, T. G. On Defining Heritage Language and Their Speakers. In: PEYTON, J. K.; RANARD, D. A.; MCGINNIS, S. (Eds.). Heritage Languages in America: Preserving a National Resource. Washington, DC: Center for Applied Linguistics/Delta Systems, 2001. p. 29-36